

7ª Parte

O Livro da Academia

POESIAS

Révia Herculano

SUMÁRIO

I

CORAÇÃO DE ILHA

ANTECEDÊNCIA

PEDAÇO DE NOITE

NA ESTRADA

CONTEMPLAÇÃO

PERSONA

AREIAS E ADEUSES

CANTO DAS SAUDADES DE ELECTRA

II

CUMPLICIDADE

RETRATO

COLIBRI

ENSAIO

O HÁLITO DO MATO

III

O SILÊNCIO DAS ARARAS

O RETIRANTE

UMA ÁRVORE CHAMADA JUAZEIRO

CENÁRIO (DAS RUÍNAS DO CALDEIRÃO)

MARIA ARAÚJO, A MENINA ARTESÃ

DA JOVEM SUICIDA

POESIAS

Révia Herculano

I

*O dia rasga o ventre da noite e nasce...*³⁵

CORAÇÃO DE ILHA

Saiu das celebrações tonta,
 muito tonta de vinho-ai ninho
 de amor e sedução! Tonta seguiu caminho.
 Lábios devassados de outras bocas,
 trapo do que fora corpo...
 Mas...tudo é lícito nas Dionísias.
 Retumbam sons -ó Orfeu, por uns seis dias!
 E ainda um sol que mal nascia...
 Lembrou-se, então, daquele coração:
 -Eterna Ilha!
 Rasgou guirlanda e a fina veste que a cobria;
 Fala tremente, pernas trôpegas,
 ensimesmada, assim, e louca, louca!
 Mas, tudo é sempre lícito nas Dionísias...
 Depois, esquecerão aquele gozo alado,
 a euforia, rota alegria...
 Mas ela não!
 Dança com a dor, baila no sonho
 e acordará no cais das infinitas constelações...
 sua poesia!

35 HERCULANO, Révia, Natividade in: *Aurora Escassa*. Fortaleza: Ed. Gese, 1999. p. 19

ANTECEDÊNCIA

Meu canto é murmurante rio,
à margem, teus ouvidos nômades.
Entre incertezas, abandonos-desvio-
o mais frêmito desejo fronde.

Meu olhar, pássaro em cárcere,
desvaira no teu passo em fuga,
segue o aroma do teu riso cálice
em que se embriaga o meu rumo.

Assim, em solidões divago,
esgarçando na noite este grito...
Meu estro não mudará teu ato,
minha fê não inflamará teu rito.

PEDAÇO DE NOITE

Há muita noite dentro desta noite
de silhuetas, e de cúmplices amantes;
Sombras bruxuleiam e açoitam
o véu da madrugada cintilante...

Lá dentro, insano gongo, coração-tambor,
sorrisos, risos, ilusões, rumor...
canção navalha a carne,
a carne viva,
que guarda o indizível da ferida.

NA ESTRADA

Sem beijos a boca sangrou.
Sem sonhos a mente parou.
No olhar esperança turva
o amor perdido na curva.

CONTEMPLAÇÃO

Revê a noite sem catálogo de estrelas,
voa horizonte sem arquétipo, sem luz,
estende asa na pirâmide do tempo,
olhos perdidos na metáfora do ser.

Percebe a nuvem corroendo-se no espaço,
depois o orvalho imolando-se ao sol.
Silêncio estático estagna no estigma,
esbarro único desse cárcere em círculo.

PERSONA

Sem poder ser, fingiu,
mas fingiu mal!
Fingiu que o fio de sangue,
a lhe correr no rosto,
era do teatro.
De lá fugiu com o papel principal...

AREIAS E ADEUSES

Ah, quando a chuva te enchia a concha da mão
e molhavas meu rosto a me mostrar a vida,
eu dançava ante o mar e amava perdida,
guardando as sementes de tua paixão...
Vezes, eu te esperava feliz e alheia,
olhando ocasos na orla da areia,
a brisa embalava nosso sonho de então...
Entrementes...
o tempo passou célere e sorrateiramente...
Trouxe um cavalo, um inverno, arrepio
e sóis afogaram-se em nosso rio.
Quem fomos, onde ficamos?
Indago-me a tatear o eterno,
ouvindo, longínquas, as vozes das crias...
Encontro o encanto do outono e da tarde
que ainda arquejam beijos de saudade...
Sob a cinza, arde chama,
seiva que à selva se estende,
nossa selva remanescente,
que a noite vê e silencia.

CANTO DAS SAUDADES DE ELECTRA

Totalmente sem modéstia era teu riso:
riso sol, riso canto, riso pássaro, riso acalanto...
Teus dois braços,
portal do meu primeiro paraíso!

Lá longe a noite, as harpas, as cítaras,
baile das melodias esquecidas...

No aposento em que nos ninavas,
máscaras para os festejos urdías.
Ah, tuas sandálias feitas da areia dos astros!
Aos astros ascenderias?

Entre as galáxias, os deuses te maldiziam,
mas...entreabrias córregos à travessia!

Dores, prantos, espantos, afinal
penas e plumas ao temporal!

As solidões, as negações, o invisível...
E a luz daquele primevo sol:
Indestrutível!

II

[...] *o peso da chuva desfez meu barco de papel* [...]³⁶

CUMPLICIDADE³⁷

Tua voz contínua brandura.
Me ninava baixinho à rede,
abandono em lassa ternura
de orvalho em folha verde.

Teus braços à janela mais tarde,
o riso, meus livros, cadernos,
nossa silente cumplicidade,
laços desatados...mas eternos.

Veio a neve e veio a Noite,
teus olhos me procurando menina,
regaço de sonho e saudade,
mormaço desfeito...neblina.

³⁶ HERCULANO, Révia, Reminiscências in: *Aurora Escassa*. Fortaleza: Ed. Gese, 1999. p. 77

³⁷ *Op. Cit.* p. 73

RETRATO³⁸

O ferrolho, a porta
o corredor, as cadeiras
lá dentro, a parreira,
clareira .

Minha avó sentada,
meu avô por perto,
eu criança, brincava
o amor, decerto.

O pão, o café,
a leiteira
quanto tempo...
poeira,

Ela calada. sorrindo me abraçava.
Ele inclinado, limpava o viveiro
e, soprando alpiste dos pássaros,
soprava a dor de minh'alma...

38 HERCULANO, Révia, Reminiscências in: *Aurora Escassa*. Fortaleza: Ed. Gese, 1999. p. 75

COLIBRI

Feliz saiu da campina,
entrou pela porta da casa,
foi exhibir-se à menina.

Adejou as asas em graça,
volteou como quem abraça,
assobiou seu canto em dó.

Porque a menina deu as costas,
passarinhou suas propostas
à primavera desverdeada
do retrato da Vovó.

ENSAIO

Sei que iniciavas em mim,
quando te percebi menestrel cantando, cantando...
Aportavas do riso da infância,
céu azul, chuva, calçada,
mormaço ameno de mágica pegada.

Às vezes chegavas folha, areia, tampinha
ou barco de papel que eu colocava na aguinha.
Guardava-te então na irreabilidade fatal
de cantarola, “debaixo do laranjal” ...

Na praia distraída, vieste, pássaro,
à hora de seguir-te, faltou-me asa.

O HÁLITO DO MATO

Cabelo solto ao vento,
pararam sem saber se queriam.
Mas eram quase idênticos
e o perfume do arvoredos atraía.

Sob a réstia do céu vago,
o olhar de escuro lago a queria.

Assim, o pacto de sangue,
assim, o pulso e o suor.
Ela, terra molhada,
Ele, duna inundada.
Mundo de espasmo maior.

*Rostos de secos rios, olhos sem pergunta, somente a esperança aqueles lábios unta.*³⁹

III

O SILÊNCIO DAS ARARAS⁴⁰

A onda avisou- “Terra à vista!”
Terra, uma ilha-continente
quinhentos anos, e de repente
foi pátria de proa vendida.

Assim, o mar traz sua dor,
mas canta: a dor faz cantar!
Uníssonos vento e mar
e chão e céu e andorinhas
soam num cais de excluídos,
natos- desaparecidos...

Ah...as cantigas marinhas,
sonhando anteriores ilhas,
ilhas do acaso e das aves
sem naus, sem fados, sem quilhas.

³⁹ HERCULANO, Révia, Antecedências. In....Solo Sagrado. Fortaleza: Premius, 2014.

⁴⁰ HERCULANO, Révia, *O silêncio das araras*. 2. ed. Fortaleza: Ed. UFC, 2004. p.

O RETIRANTE⁴¹

No seco sertão nordestino,
vagueia o homem pobre,
vagueiam os sem destino,
ossuário que o sol encobre.

Pelo abandono caminham
seus rostos sem esperança.
Pelas escarpas definham
seus corpos sem substância.

Esbarrando em xique-xique,
seguem magros, temerosos,
despindo mais a caatinga:
ossos singrando ossos.

Ouviram cantar o acauã:
presságio, agouro retido,
espera, choro contido
na noite que nega manhã.

Pelas escarpas definham
seus corpos sem substância.
Sem privilégio caminham
suas fomes sem esperança.

41 HERCULANO, Révia, O retirante. In: *Solo sagrado*. Fortaleza: Premius, 2014. p. 27.

Calam-se, assim, como réus
à espera de nova barra,
nas franjas de ouro e prata
das galerias do céu.

Esgotam-se as experiências...
olhar vítreo, poucas crenças.
O sustento de famílias...
caçado em sofridas trilhas.

No olho do estio, a procura...
E o herói da faminta epopeia
exausto, sem grito ou ideia
pisa a orla da loucura.

Grasna a ave de rapina
na ânsia de voos rentes,
sobre tantos padecentes
que nem remiram pecados.

Andam sertão, andam a vida
por esta terra exaurida...
-Como pode, Deus do céu,
ser sempre guerra perdida?

UMA ÁRVORE CHAMADA JUAZEIRO⁴²

No céu, o azul intacto;
na terra, o ar solitário
e a deserta amplidão.
Luz, poeira escarlata,
mundo inteiro de verão.
Vento seco no cenário:
pedra, cipó e cardeiro.
Nessa brenha, nesse ermo
verdeja a luxúria sem termo
do viçoso juazeiro.
Verde, constante aparência
de chuva e fartura, quem dera!
Rogos aos céus, permanência
de incansável primavera.
Sombra, fruto, agasalho
do feirante, do romeiro.
Amor e descrença no galho
do breve e aflito orvalho.
Mãos inscrevendo o eterno,
verde imutável e primeiro.
Metafísica de inverno
é o viçoso juazeiro!

42 HERCULANO, Révia, O retirante. In: *Solo sagrado*. Fortaleza: Premius, 2014. p. 59.

CENÁRIO (DAS RUÍNAS DO CALDEIRÃO)⁴³

No vibrante azul da chapada à margem,
adejam os raios do sol sobre nuvens escassas.
Os ombros dos rochedos quedos pela história
cobrem com secas relvas as fendas da memória.

Abriga-me um calor, mormaço que adivinha
ventos escaldantes, penedo incandescente,
estremecendo mais a aura da miragem:
frondoso afluyente que o coração aninha.

E o passo de andarilho já me distancia
das laudas desse rio que encrava absorto
água salgada e larga em seu leito torto,
sonho de arroio no verde da fotografia.

Aqui a roca, ali o engenho, acolá o fuso;
no muro, o braço de um carro de boi.
Ah, desprevenido cenário confuso,
lajes desassistidas, esperança que se foi!

Exaurem-se os sons nessa noite lenta
e a lívida manhã, anulando a vela,
reabre as esquecidas portas da capela.
Rangem com a ferrugem o passado e a tormenta.

Ressona o antigo poço entre as rochas cálidas
e ainda fertiliza o musgoso chão.

Banhou os pés dos anjos nas auroras pálidas,
pasceu homens e ovelhas o velho Caldeirão.

A casa do beato se ergue de mãos trêmulas,
umbral de vigília e reza, cantos e soluços.

A sombra de Lourenço pairando sobre tudo
aponta para as almas siamesas de Canudos.

MARIA ARAÚJO, A MENINA ARTESÃ⁴⁴

Ai, a menina que passa,
agulha por entre os dedos.
No seu mundo limitado,
hesitam flores e pássaros
mas nunca passam brinquedos.

Caminha só, sem palavra
e colhe mandioca na leira.
Sofrer para ela é nada,
a vida é uma casa sem eira.

Vela sua noite evadida
e na estreita rede puída
aguarda a luz da aurora
sem pretender entendê-la.

Suspira estranha saudade
de uma espantada estrela.
Às vezes um menino santo
vem conversar e vem vê-la.

Aí a menina desponta
sem papel, sem batistério.
Das sombras do seu semblante
jamais entenderá o mistério.

44 HERCULANO, Révia, Maria Araújo a menina artesã. In: *Solo sagrado*. Fortaleza: Premius, 2014. p. 71-73.

Assim a menina trabalha
seu trabalhinho infantil,
entre os panos embaralha
o que a boneca vestiu.

Diz a menina em surdina,
para a amiga accidental:
-Ai, criação dos meus dedos,
miragem de cego espelho,
dias mudos quais os meus!

No contorno dos teus lábios,
nem mesmo um sorriso leve,
pois o meu também se acaba
quando finda um sonho breve

Ser de rude artesanato,
suscito-te consoante.
Matéria, como eu, macerada,
lampejo de pouco instante.
Metáfora de criatura...
Oh, corpo sem sepultura!

DA JOVEM SUICIDA⁴⁵

Embrenhei-me entre os arbustos,
crescidos em densas matas,
parei tomada de susto,
ouvindo vozes tão altas.

Entrei por uma vereda,
os pés enganchados de rama,
vi-os em vasta alameda
com roupas sujas de lama.

Falavam da emboscada
e da luta a ser travada
com o povo do Caldeirão.
Aos saltos meu coração.

Desvencilhei-me de leve
para não fazer barulho,
olhando o pulinho breve
de pássaros em arrulho.

Procurei o descampado,
indo me ajuntar ao grupo,
um bem-te-vi mariscava
semente perto do entulho.

45 HERCULANO, Révia, Da jovem suicida. In: *Solo sagrado*. Fortaleza: Premius, 2014. p. 107.

Mas a desgraça voou
a mim que nem gavião,
logo assim um brutamontes
dentre soldados aos montes
arrastou-me para o chão.

Assim minha forma esculpida
em honra tão sertaneja
teve morte pressentida
numa vingança que almeja.

Nesse ardor que incendeia
queimei-me deixando marca
pois sangue que bebe a areia
difícilmente se apaga.

Não vejo mais passarinhos
nem a crista azul da arara.
A brisa breve levou-me
como fagulha em coivara.

Meu sangue puro, inocente,
então tinge forte o poente,
baila entre as labaredas,
põe rubi nas borboletas.